

APRESENTAÇÃO: TRADUÇÃO E CRIAÇÃO

Este número de Cadernos de Tradução é dedicado a pensar as relações entre tradução e criação. São onze artigos, uma resenha, uma resenha de tradução, uma entrevista e um artigo traduzido que refletem sobre o traduzir e o criar, considerando-os não só como atividades complementares, mas concomitantes

As abordagens (inter)semióticas de modo geral são uma das tônicas quando se pensa em tradução e criação. Esta perspectiva está presente no texto “A tradução enquanto processo”, de Renata Mancini. Neste artigo de cunho teórico, a autora traz à baila “a Semiótica discursiva, mais especificamente os recentes desdobramentos da abordagem tensiva de Claude Zilberberg, para dialogar com as questões basilares dos Estudos de Tradução e de Adaptação”, questionando, a partir desse debate, a visão dicotômica tradicionalmente presente na área.

Em sua contribuição intitulada “Memória da colonização em tradução e performance”, Eleonora Frenkel Barreto também traz à tona traduções intersemióticas para explorar questões cruciais como memória, dominação e apagamento no âmbito das culturas ameríndias, considerando a *performance* sob uma perspectiva mais ampla.

O conceito de memória é também central no texto de Hugo Simões, “Traduzir memória: entre o objeto distribuído e a memória multidirecional”, o qual estabelece uma relação entre a memória cultural e o papel da tradução, entendendo a tradução “em contato direto com a vida, bios, como parte da construção biográfica da pessoa e da obra de arte”.

Um dos mais acalorados debates no âmbito da tradução tem sido aquele referente ao traduzir enquanto ato criador. E este debate parece se acirrar ainda mais no âmbito da tradução poética, a qual é abordada aqui sob perspectivas múltiplas. Marlova Aseff, em



“Poetas-tradutores: quando a tradução encontra a criação”, espelha as motivações de poetas brasileiros que se dedicam a traduzir poesia em lugar de trabalhar somente em seus próprios poemas, chegando a conclusões extremamente interessantes. Matheus Guiménin Barreto, por sua vez, faz uma análise atenciosa para verificar até que ponto elementos estruturais do poema “Der Panther” (“A pantera”) de Rainer Maria Rilke foram recriados por três de seus mais reconhecidos tradutores brasileiros: Geir Campos, José Paulo Paes e Augusto de Campos. Já Andrea Kahmann nos permite vislumbrar diferentes facetas de seu próprio processo criativo em “[Contra un poder tan tirano] é preciso mais de um projeto: da semântica à pajada, duas traduções para Miguel Hernández”, no qual apresenta duas propostas de tradução para três décimas espinelas do poeta e dramaturgo espanhol Miguel Hernández Gilabert. E, por fim, “Estranhamento como estratégia de tradução: categorização do estranhamento na poesia Leminskiana e a sua recriação na língua chinesa”, de Sida Lang e Yuqi Sun, nos apresenta versões da poesia de Paulo Leminski traduzidas ao chinês, entrelaçando o conceito de estranhamento, formulado por Chklovski, com a tradução poética.

As discussões acerca do traduzir e do criar na literatura em prosa não ficam de fora, e são representadas por dois textos bastante plurais. No ensaio “Death and the Snow: an inconspicuous relation in Joyce’s “The Dead” and its translation”, Vitor Amaral aborda a unidade e organicidade do texto de James Joyce e os desafios impostos ao tradutor por estas características intrínsecas. Sob outra ótica, a saber, aquela da tradução do humor, Davi Gonçalves compartilha em “Humorous expression reenacted in translation: the recreation of three characters from Stephen Leacock’s sunshine sketches” análises e reflexões oriundas do desenvolvimento de sua proposta tradutória para *Sunshine Sketches of a Little Town* (1912).

A tradução de textos históricos e testemunhais em diferentes contextos é tratada por Anna Basevi em “Tradução, diálogo, testemunho: Primo Levi e seus tradutores”, no qual a autora discorre sobre o ato tradutório enquanto uma relação que acontece para

além das diferenças entre as línguas, trazendo ao leitor exemplos de traduções da obra *Se questo è un uomo* em diferentes nações para ilustrar sucessos, problemáticas, e melhor compreender o traduzir do texto em questão no âmbito brasileiro.

Diversas práticas relacionadas ao traduzir e criar têm crescido em relevância no cenário nacional e internacional da atualidade em concomitância com outros fenômenos, entre os quais se encontra a difusão das novas tecnologias. Sob esta perspectiva, a tradução audiovisual figura neste volume através da contribuição de Giovana Cordeiro Campos e Thaís de Assis Azevedo intitulada “Subtitling for streaming platforms: new technologies, old issues”, contribuição a qual, através do estudo de uma prática tradutória de ponta (a legendagem para plataformas de *streaming*), revisita a prevalência (ou seria o ressurgimento?) de velhos dilemas tradutórios.

A resenha de autoria de Emily Arcego e Maria Moura discorre com muita propriedade sobre uma obra que enfatiza exatamente a relação entre traduzir e criar. As autoras apresentam o volume “Paulo Henriques Britto: Entrevista” da coleção Palavra de Tradutor, deixando claro que nesta entrevista, conduzida por Caetano Galindo e Walter Costa, o aclamado Paulo Henriques Britto reflete sobre suas diferentes facetas profissionais enquanto autor de poesia, autor de prosa, tradutor e teórico, entrelaçando-as diante do leitor.

O volume conta também com uma resenha de tradução que se debruça sobre um aspecto específico que tem sido foco de amplo debate nos últimos anos: a tradução de marcas de oralidade. Winston Martins Junior utiliza seu texto “Resenha acerca da tradução de marcas de oralidade na obra *O Chamado do Cuco (The Cuckoo’s Calling)*” para não somente discorrer sobre as soluções encontradas na obra em apreço, mas trazer conceitos importantes para compreender a complexidade da tradução de marcas de oralidade.

Por sua vez, a entrevista conduzida por Carolina Paganine abre novos horizontes ao trazer a perspectiva de Suzanne Jill Levine, renomada professora e tradutora norte-americana de literatura latino-americana, sobre a relação entre traduzir e criar.

Como reflexo do reconhecimento da importância de valorizar diferentes abordagens das artes cênicas em suas relações com o processo tradutório e/ou criativo, este volume conta ainda com uma contribuição de Maria Fernanda Gárbero, que apresenta aqui a sua tradução de um artigo originalmente escrito em italiano por Barbara Delli Castelli. Neste texto, intitulado “Tradução Teatral e Códigos Expressivos”, são trazidas à tona as complexidades de se traduzir teatro, tarefa que, nos Estudos da Tradução, tradicionalmente é vista como dicotômica, pois demandaria diferentes abordagens caso se considere o texto com vistas à encenação ou à leitura. Para matizar essa questão, Castelli recorre à teoria semiótica para a qual, no texto dramático, todos os códigos e canais são expressivos, levando a superar a dicotomia polarizada entre performatividade e legibilidade em favor da noção semiótica de discurso.

Acreditamos que este volume cumpre seu objetivo de apresentar algumas das perspectivas atuais nas reflexões voltadas às relações entre a tradução e a criação, e serve para lançar bases para que novos e frutíferos debates acerca da temática continuem a se propagar em diferentes cenários.

Organizadoras

Carolina Geaquinto Paganine. E-mail: carolinagp@id.uff.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8958-1483>.

Vanessa Lopes Lourenço Hanes. E-mail: vanessahanes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0413-0190>.